Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.1003
ESTUDOS BÍBLICOS

Será feliz quem perseverar:

as sete bem-aventuranças do apocalipse joanino

Happy will be those who persevere: the seven beatitudes of the Johannine Apocalypse

Inácio José Tadeu Rodrigues Martins*

* Mestre em teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Especialista em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil.
fr.inacio.odem@gmail.com.

A pesquisa para este artigo foi financiada pela bolsa de fomento FAPEMIG

Recebido em: 16/04/2024
Aprovado em: 25/06/2024

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0



Resumo

Este artigo oferece uma reflexão sobre as bem-aventuranças no livro do Apocalipse. A justificativa desta pesquisa deve-se ao fato de que, atualmente, muitas comunidades religiosas usam tal livro para amedrontar e aterrorizar as pessoas, quando, na verdade, a intenção do livro é outra. Inicialmente, explica-se do que se trata a literatura apocalíptica e suas características. Depois, faz-se breve introdução ao apocalipse joanino, descrevendo o contexto histórico, literário e litúrgico da obra. Em seguida, expõe-se a análise retórica que será o método exegético a ser aplicado nos versículos escolhidos. A seguir, analisa-se cada versículo com seus correspondentes retóricos, buscando as suas supostas referências no Antigo e Novo Testamentos. Por fim, busca-se para cada versículo ou pares, uma atualização da mensagem de felicidade proposta pelo Apocalipse.

Palavras-chave: Literatura Apocalíptica. Apocalipse. João. Felicidade. Análise Retórica.

Abstract

This article provides a reflection on the Beatitudes in the book of Revelation. The justification for this research stems from the fact that, currently, many religious communities use this book to intimidate and terrify people, when, in reality, the intention of the book is different. Initially, the apocalyptic literature and its characteristics are explained. Then, a brief introduction to the Johannine apocalypse is given, describing the historical, literary, and liturgical context of the work. Next, the rhetorical analysis is presented as the exegetical method to be applied to the chosen verses. Subsequently, each verse is analyzed along with its rhetorical counterparts in the Beatitudes, as well as seeking their supposed references in the Old and New Testaments. Finally, for each verse or pairs, an updating of the happiness message proposed by the Apocalypse is sought.

Keywords: Apocalyptic Literature. Revelation. John. Happiness. Rhetorical Analysis.

1 Introdução

No senso comum, "apocalipse" denota um discurso obscuro e aterrorizante, relacionado ao fim do mundo, no qual ocorre um grande cataclismo, em que as forças do mal superam o bem. Em certos ambientes religiosos, é muito comum ouvir pregações que afirmam a atualidade das profecias apocalípticas joaninas, como se fossem previsões futurísticas. Contudo, a ciência bíblica possui outra visão sobre a literatura apocalíptica e sobre o Apocalipse joanino em particular.

Por isso, é importante revisitar o Apocalipse joanino para descobrir sua real intenção, não a partir de leituras fundamentalistas, descontextualizadas e amedrontadoras, mas, sim, com base nas descobertas exegéticas que comprovam a finalidade consoladora, animadora e esperançosa desta literatura.

Este artigo investiga as sete bem-aventuranças do livro do Apocalipse, visando demonstrar que este texto suscita esperança e felicidade, ao invés de pavor e perigo. Para alcançar esse propósito, por meio da pesquisa bibliográfica, o artigo oferece: (a) uma breve introdução à literatura apocalíptica; (b) uma introdução histórica, literária e litúrgica do Apocalipse joanino; e (c) a análise retórica das sete promessas de felicidade que constam nesse livro, atualizando pastoralmente sua mensagem.

2 Apocalíptica: uma teologia político popular

A apocalíptica designa a literatura que caracteriza segmentos do judaísmo primitivo de 200 a.C. a 200 d.C. É marcada por uma cosmovisão centrada na esperança de uma intervenção iminente e decisiva de Deus na história humana, salvando seu povo e punindo os inimigos, destruindo o cosmos decaído e restaurando a sua perfeição original. O apocalíptico conhece esses segredos cósmicos por meio de sonhos e visões, geralmente, interpretados por um anjo e, posteriormente, relatados em um escrito. Normalmente, os apocalipses são pseudonímicos, ou seja, escritos como se fossem de autoria de antigas figuras judaicas de destaque. A razão da pseudonímia apocalíptica consistia em conferir credibilidade ao texto, favorecendo sua aceitação na comunidade (AUNE, 2012, p. 101).

Concernente às origens da literatura apocalíptica, há quem considere que ela seja um desenvolvimento da profecia veterotestamentária. Outros enxergam uma forte ruptura entre a profecia e a apocalíptica posterior, contextualizando-a no período helenístico, no qual a religião judaica sofria grande perseguição religiosa por parte do domínio grego. Existe consenso de que os apocalipses judaicos surgiram em períodos de crise social ou política (AUNE, 2012, p. 102).

A apocalíptica aparece em tempos críticos de perigo e perseguição, como uma fé no triunfo de Deus, com a intenção de esperançar o povo. Além disso, possui intenção parenética, ou seja, de consolar os ouvintes e exortá-los a resistir frente os poderes históricos. A maioria dos livros apocalípticos ficaram fora da Bíblia, considerados apócrifos ou pseudoepígrafos (NOGUEZ, 2019, p.7-8).

Os exegetas possuem consenso referente às seguintes características desta literatura: dualismo temporal de duas eras; radical ruptura entre esta era e a que virá, aliada a um pessimismo em relação à ordem presente e uma esperança relativa ao mundo que chegará; divisão da história em eras; esperança da chegada iminente do Reino de Deus, condenando as circunstâncias terrenas presentes; perspectiva cósmica da crise vivenciada pela comunidade; intervenção cataclísmica de Deus produzindo um novo mundo; a introdução de

anjos e demônios para explicar acontecimentos históricos e escatológicos (AUNE, 2012, p. 104). Apresentadas as características gerais da apocalíptica, passa-se, agora, à particularidade do apocalipse joanino.

3 Os cristãos resistem ao império e celebram o Ressuscitado: Apocalipse de João

O apocalipse joanino foi escrito ao final do reinado de Domiciano (95-96 d. C), como é afirmado pela maioria dos antigos escritores cristãos, como Irineu, Clemente de Alexandria e Orígenes. Ademais, provas internas demonstram a improbabilidade de que Apocalipse tenha sido escrito antes de 70 d.C. O uso de "Babilônia" referindo-se a Roma, aparece também em 2Esdras 3–14, 2Apocalipse de Baruque e Oráculos Sibilinos 5. Provavelmente, o pensamento do apocalíptico joanino seja semelhante ao expresso nos textos citados. O uso desta tipologia sugere a composição após 70 d.C (BEASLEY-MURRAY, 2012, p. 90-91). Se a apocalíptica judaica anunciava a intervenção divina iminente, destruindo os inimigos, o apocalipse joanino anuncia o que o mal já foi derrotado em Cristo morto e ressuscitado, que, em breve, virá para salvar seu povo.

Os cristãos eram perseguidos pelo fato de não adorarem os deuses e o imperador romano, colocando-os em oposição aos valores da sociedade greco-romana. Conforme a cultura religiosa da época, a participação nos rituais proporcionava a *pax deorum,* a *concordia* entre os deuses e o povo. Por isso, os cristãos foram responsabilizados pelos momentos de crise e convulsão social romana (SOARES, 2023, p. 127).

O autor visa conscientizar as comunidades, exortando-as a celebrar a sua fé, como resistência ao império romano. Cultuar a Deus tem forte densidade política, adorando-o por sua obra realizada por meio do Cristo. O Apocalipse celebra a exaltação de Cristo sobre os reis e imperadores da terra (17,14; 19,16)[1], num ambiente festivo e de confiança, avivado por uma bem-aventurança inicial (1,3) e duas finais (22.7.14). Em suas celebrações comunitárias, projetadas nos cultos celestes, as comunidades antecipavam o final da história, porque, com a ressurreição de Jesus, o Reino de Deus já estava inaugurado na terra. Por isso, Apocalipse está impregnado de hinos (4,11; 5,9-13; 11,17-18; 12,10-12; 15,3-4; 19,1-8). Enquanto se avança o relato, percebe-se que se vai cantando a esperança salvífica.

O Apocalipse alude a práticas religiosas das comunidades, tais como a celebração no Dia do Senhor, domingo (1,10), a eucaristia apresentada de forma simbólica (2,17; 3,20, 19,9). A súplica final "vem, Senhor Jesus' (22,20) reproduz a expressão "maránа thá", da liturgia da ceia do Senhor (1Cor 16,22). O batismo é lembrado por meio dos personagens caracterizados em vestes brancas (3,4-5.18; 4,4; 6,1; 7,9.13).

Os cristãos praticavam a resistência espiritual contra as seduções do culto romano (13,12.14), afirmando que somente Deus e o Cordeiro são dignos de receber louvor, honra e glória (4,11; 4,13; 7,12; 19,10; 22,9). Se, no culto imperial, com suas orações, sacrifícios e procissões, a deusa Roma e os imperadores eram honrados, no culto cristão, os fiéis sintonizavam-se com os propósitos do Deus justo e verdadeiro (15,3-4; 16,5.7), narrando os gestos libertadores de Deus na história de Israel, atualizados à luz do mistério pascal de Cristo (NOGUEZ, 2019, p. 175-182).

[1] Todas as citações sem referência ao livro bíblico correspondem ao livro de Apocalipse.

No tocante à estrutura do livro, Apocalipse apresenta-se como uma obra unitária, com prólogo (1,1-3) e um epílogo (22,6-21). A obra possui duas partes facilmente reconhecidas: a primeira consta das cartas destinadas às sete igrejas (1,4–3,22); a segunda (4,1–22,5) possui uma estrutura mais complexa, dividida em cinco seções. A primeira (4–5) serve de introdução, apresentando os personagens e elementos que entrarão em ação: Deus, a corte celeste, o Cordeiro e o livro de sete selos. A segunda seção (6,1–7,17) relata a abertura sucessiva dos selos. A seção terceira (8,1–11,14) narra o toque das sete trombetas. A quarta seção (11,15–16,16) caracteriza-se pelos três sinais (a mulher, o dragão e os sete anjos), nos apresentando a luta entre o bem e mal. A última seção (16,17–22,5) consiste na conclusão, mostrando a condenação irreversível do mal e a exaltação suprema do bem (VANNI, 1998, p. 11-12).

Relativo às bem-aventuranças, nota-se que elas se tornam mais constantes enquanto o texto chega ao final (1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7.14). Ao aproximar-se o fim da narrativa, acerca-se ainda mais a felicidade, sugerindo que, no fim da história, realizar-se-á a felicidade dos que perseverarem. Do início (1,3) ao final (22,14), o Apocalipse está emoldurado pela felicidade e não pela destruição, pois todo o livro é palavra para construir, exortar e animar, ou seja, profecia (ARENS; MATEOS, 2019, p. 159). As sete bem-aventuranças sintetizam, de forma clara e explícita, a mensagem de todo o livro (ARENS; MATEOS, 2019, p. 234).

4 A retórica da felicidade apocalíptica joanina

A análise retórica parte do pressuposto de que os autores sagrados organizaram seu material em composições muito estudadas, obedecendo às leis da retórica hebraica. A característica fundamental da poesia hebraica e, de certa forma, de toda a literatura bíblica, é o "paralelismo dos membros". As coisas sempre são ditas duas ou mais vezes, pois, a verdade não se consegue incluir numa só afirmação, mas somente se alcança na interação de duas ou mais afirmações complementares ou no contraste delas (MEYNET, 1993, p. 2).

A partir do texto grego original[2], propõe-se a tradução abaixo:

A. 1,3: Feliz o que lê e os que ouvem estas palavras desta profecia e guardam os que nela estão escritas porque o tempo é perto.

B. 14,13: E ouvi uma voz do céu dizendo: escreva: "Felizes os mortos que morrem no Senhor, agora. Sim, diz o Espírito, descansarão de seus trabalhos, pois suas obras os seguem".

C. 16,15: Ei! Venho como um ladrão. Feliz o que fica atento e que guarda suas roupas, a fim de que não ande nu e vejam sua vergonha.

D. 19.9: E disse a mim: escreva: "Felizes os chamados para a ceia de casamento do Cordeiro. E disse a mim: estas são palavras verdadeiras de Deus!"

C'. 20.6: Feliz e santo o que tem parte na ressurreição primeira. Nestes, a segunda morte não tem autoridade. Mas, serão sacerdotes de Deus e do Cristo e reinarão com Ele mil anos.

[2] Texto de Nestle-Aland, 28ª edição (NESTLE *et al.*, 2012).

B’. 22,7: Ei! Venho rapidamente! Feliz o que guarda as palavras da profecia deste livro.

A’. 22,14: Felizes os lavam suas túnicas para que sua autoridade seja sobre a árvore da vida e que entrem pelos portais da cidade.

Nota-se a repetição de palavras, verbos e expressões que permitem analisar retoricamente os versículos. Relativo à promessa de felicidade nota-se o adjetivo “feliz”, no singular, na primeira, terceira, quinta e sexta promessa. O adjetivo “felizes”, no plural, ocorre na segunda, quarta e sétima. Assim, retoricamente, constata-se que feliz é quem guarda a profecia (1,3; 22,7), o que deve ser o mesmo que guardar as roupas (16,15), o que deve ter como consequência participar da primeira ressurreição (20,6). Por outro lado, felizes são os que lavam suas vestes (22,14), morrendo no Senhor (14,13), acessando o banquete nupcial do Cordeiro (19,9), sendo este o macarismo central e principal.

A expressão “palavras desta profecia” repete-se em 1,3 e 22,7, emoldurando todo o Apocalipse e relacionando-se com as “verdadeiras palavras de Deus” (19,9). Por 19,9 ser a bem-aventurança central, começa-se a análise por ela, seguida de 1,3 e 22,7. A frase “o tempo é perto” (1,3) pode ser comparada com a locução “ei, venho rapidamente” (22,7), justificando sua análise conjunta.

O verbo “guardar” ocorre em 1,3; 22,7 e 16,15, assemelhando-se os objetos diretos “o que nela (profecia) está escrito”, “as suas vestes”, e “as palavras da profecia deste livro”, sugerindo a análise de 16,15 em seguida. A expressão “suas roupas” (16,15), compara-se com “suas túnicas” (22,14), proporcionando, a seguir, o seu exame. Em 22,14, “tem a autoridade sobre a árvore da vida”, está em paralelismo sinonímico com “a segunda morte não tem autoridade” (20,6), inclusive pela repetição da palavra “autoridade”, cotejando, por fim, com a expressão “os mortos que morrem no Senhor” (14,13). Assim, 20,6 e 14,13, podem ser lidas conjuntamente.

4.1 Casar-se e banquetear-se com o Cordeiro – a bem-aventurança central

Ap 19,9: Καὶ λέγει μοι γράψον μακάριοι οἱ εἰς τὸ δεῖπνον τοῦ γάμου τοῦ ἀρνίου κεκλημένοι. καὶ λέγει μοι· οὗτοι οἱ λόγοι ἀληθινοὶ τοῦ θεοῦ εἰσιν.

Ap 19.9: *E disse a mim: escreva: “Felizes os chamados para a ceia de casamento do Cordeiro. E disse a mim: estas são palavras verdadeiras de Deus!*

A quarta bem-aventurança e central, localiza-se na segunda parte do livro (4,1–22,5), especificamente na quinta seção (16,17–22,5), perícope dos cantos de triunfo no céu (19,1-9).

A ordem de “escrever” é a mesma de 1,11.19 e 14,3. O versículo interrompe a adoração cósmica para sublinhar o casamento do Cordeiro. A fraseologia desta promessa tem paralelos com Lc 14,15. O tema das bodas escatológicas só é encontrado em Apocalipse. (AUNE, 1998). O mais evidente da passagem é que salvação já é um fato consumado e Cristo reina, embora o autor saiba muito bem que, na história, o que se experimenta é o tempo da prova e perseguição (ARENS; MATEOS, 2019, p. 238).

O verbo “chamar” alude a um convite formal a amigos e parentes para participar de uma festa. Encontra-se no particípio perfeito passivo, denotando a permanência do convite. O sujeito da ação é Deus (THOMAS, 1995, p. 371). Os convidados desfrutam do

favor divino, considerados chamados e escolhidos (17,14). Em 19,7-9, a Igreja é retratada simultaneamente, como esposa e convidada para o casamento. Na tradição judaica (Tratado Baba Bathra 75b, no Talmud), afirmava-se que, na Jerusalém futura, só entrariam os convidados (AUNE, 1998).

O substantivo "ceia" ocorre em 19,17, equivalendo "ceia do Cordeiro" com a "ceia do grande Deus". Tal banquete (19,17-18) contrasta com o do campo de batalha da cena seguinte, na qual, os ímpios são devorados pelos pássaros (19,21) (KOESTER, 2014, p. 731). Existia a convenção social de convidar amigos e parentes para a festa de casamento (Mt 22,1-10; 25,10; Lv 12,36; 14,8). Conforme Is 25,6-8, Deus, no fim dos tempos, realizará uma festa luxuosa para todos no monte Sião. Na última ceia, Jesus, provavelmente, refere-se à tradição do banquete messiânico (Mc 14,25; Mt 26,29; Lc 22,18). Jesus comia com pecadores públicos para antecipar o banquete escatológico, segundo alguns estudiosos (AUNE, 1998). Algumas tradições judaicas intertestamentárias afirmavam o Messias enquanto o anfitrião do banquete (1Enoque 62,14). Lc 22,28-30 afirma que os discípulos comerão e beberão na mesa de seu Reino, se forem perseverantes. Ap 2,7e 22,24 aludem a comer o fruto da árvore da vida como metáfora da salvação, ao passo que, em 2,17 fala-se em comer o maná escatológico que, no contexto litúrgico da comunidade, simboliza a eucaristia.

A ceia caracteriza-se como "nupcial". Apocalipse usa a imagem do casamento para referir-se a comunhão plena dos fiéis com Deus, ao fim da história (21,2.9.17). As bodas de casamento ecoam as imagens de casamento veterotestamentárias referentes à Aliança (Is 49,18; 61,10). Nas fontes gregas e romanas, a vida após a morte era simbolizada por um banquete festivo (AUNE, 1998). O casamento é tema recorrente no NT (Mt 9,15; 22,2-4.8-9; 25,10; Mc 2,19; Lc 5,34; 12,36; 14,8). É necessário, contudo, para participar, possuir trajes apropriados (Mt 22,11-14); o Apocalipse refere-se a vestes brancas (6,11; 7,9.14).

A bem-aventurança afirma o convite como "verdadeira Palavra de Deus". João testemunha a palavra (1,2) e por causa dela está preso (1,9). A igreja de Filadélfia guardou a palavra (3,8.10). Os mártires morrem devido à fidelidade à Palavra (6,9; 12,11; 20,4). A Palavra de Deus sempre se cumpre (17,17) e ela é o próprio Cristo Ressuscitado (19,13). A Palavra de Deus é fiel e verdadeira (21,5; 22,6), devendo ser praticada (22,7.9) e não ser selada (22,10). Além disso, ninguém deve acrescentar ou retirar qualquer palavra desta profecia (22,18-19), denotando, talvez, um respeito litúrgico a esse texto. A insistência de que esta seja mensagem verdadeira de Deus possui paralelos em 21,5 e 22,6, no qual, um detalhe chama a atenção: as duas cenas de 19,9-10 e 22,6-9, concluem a apresentação do destino das duas cidades, Babilônia e a nova Jerusalém. Ambas contêm uma bem-aventurança e uma ordem de não adorar ao anjo (19,10; 22,9), sugerindo a leitura paralela delas (ARENS; MATEOS, 2019, p. 200).

A cada Dia do Senhor, a comunidade eclesial reúne-se para celebrar a Eucaristia, o banquete do Cordeiro. Conforme refletido anteriormente, o Apocalipse foi, provavelmente, escrito para um ambiente litúrgico, no qual os cristãos celebravam a presença do Cordeiro Ressuscitado, nutrindo a esperança de que a perseguição romana, em breve, cessaria com a parusia. Na liturgia, passado, presente e futuro se encontram. O passado por meio da recordação dos eventos salvíficos que deram vida a Israel e ao povo cristão. O presente é o próprio contexto no qual a comunidade vive e testemunha a fé. Já o futuro consiste na experiência antecipada da salvação que virá, por meio dos gestos sacramentais. A bem-aventurança central convida a participação do banquete sacramental do Cordeiro

como antecipação escatológica da plena comunhão na qual a Igreja-Esposa viverá com o Cordeiro Ressuscitado.

Do ponto de vista retórico a frase "estas são verdadeiras palavras de Deus", coloca-se em paralelo com a expressão "palavras desta profecia" (1,3; 22,7). Os dois próximos macarismos convidam o leitor-ouvinte a praticar a Palavra de Deus escutada.

4.2 Feliz quem praticar esta profecia – Palavra de Deus – pois venho em breve!

4.2.1 Feliz o que pratica a profecia

Ap 1,3: Μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς.

Ap 1,3: Feliz[3] o que lê e os que ouvem estas palavras desta profecia e praticam os que nela estão escritas, porque o tempo é perto.

A primeira bem-aventurança localiza-se na introdução (1,1-3). Este macarismo é singular, porque está formulado tanto na terceira pessoal do singular, quanto no plural, a felicidade é prometida para o leitor e os ouvintes.

O v. 3 inicia propriamente o Apocalipse, apresentando-o como livro de felicidade e não de catástrofe (BIGUZZI, 2005, p. 58). A expressão "o que lê" ocorre uma única vez no texto. Na época, a maioria das pessoas não sabia ler. A leitura pública das Escrituras inspira-se na prática judaica (Ne 8,2; Lc 4,16; At 13,15). A expressão "o que lê e os que ouvem", retrata a prática litúrgica da leitura em voz alta das Escrituras (THOMAS, 1992, p. 59). Pelo fato de os materiais de escrita serem caros, eram raros os livros, por isso, os cristãos comuns, por meio da leitura pública, conheciam os conteúdos deles. Uma pessoa lia em voz alta e os demais prestavam atenção, exercitando sua memória aguçada, caso contrário, os dados perdiam-se e não se obedecia ao que era ordenado. O Novo Testamento indica situações de leitura pública de textos em Cl 4,16 e 1Ts 5,27.

O verbo "ouvir" e palavras com essa raiz, ocorrem 46 vezes no Apocalipse[4]. Ouvir é a experiência do vidente (1,10; 4,1; 5,11.13; 6,1 etc.) e as igrejas devem ouvir o que o Espírito lhes diz (2,7.11.17.29; 3,6.13.20.22). O primeiro passo para obter a felicidade e benção divina é ouvir. Contudo, não basta. É necessário "guardar" aquilo que se ouve. Esse verbo e suas variações, aparecem 11 vezes no Apocalipse[5]. Com esse verbo, João apela para o ouvinte ser um cumpridor da Palavra (conferir Tg 1,22). Será vencedor o que pratica as obras divinas (2,26); a Igreja precisa guardar o que recebeu (3,3), pois, praticando a Palavra, será guardada na hora difícil (3,8.10); os cristãos guardam os mandamentos (12,7), resistem à idolatria (14,12) e contam com a presença do Ressuscitado (22,9).

O conteúdo do que é lido e ouvido, João define como "as palavras desta profecia", locução recorrente em 22,7.10.18, que, na perspectiva retórica, assemelha-se às

[3] Prefere-se tradução "feliz" do que "bem-aventurado", para realçar a intenção deste artigo de provar que a apocalíptica joanina não pretende aterrorizar, mas consolar.

[4] Ap 1,3.10; 2,7.11.17.29; 3,3.6.13.20.22; 4,1; 5,11.13; 6,1.3.5-7; 7,4; 8,13; 9,13.16.20; 10,4.8; 11,12; 12,10; 13,9; 14,2.13; 16,1.5.7; 18,4.22-23; 19,1.6; 21,3; 22,8.17-18.

[5] Ap 1,3; 2,26; 3,3.8.10; 12,17; 14,12; 16,15; 22,7.9.

"verdadeiras palavras de Deus" (19,9). Chamando seu texto de profecia, o autor coloca-se na mesma autoridade dos profetas veterotestamentários e não tanto na linha da apocalíptica judaica. As muitas alusões aos livros dos profetas Isaías, Ezequiel e Daniel, no decorrer do livro, atestam isso. Segundo Arens, esta bem-aventurança e a penúltima (22,7) emolduram todo o livro (ARENS; MATEOS, 2019, p. 235).

As palavras estão "escritas". O verbo "escrever" e suas variantes ocorrem 29 vezes no Apocalipse[6]. O vidente deve escrever a sua experiência para as igrejas (1,11.19; 2,1.8.12.18; 3,1.7.14; 14,13; 19,9; 21,5) e, somente uma vez, a escrita lhe é proibida (10,4). Os salvos serão escritos com o nome divino (3,12; 14,1), terão seus nomes no livro da vida (3,5; 21,27), e os condenados não (13,8; 17,8; 20,15). A cidade idólatra possui nomes blasfemos escritos (17,5). A história é simbolizada por um livro escrito que somente o Cordeiro consegue abrir (5,1-9). O Ressuscitado é descrito com vestes escritas que lhe identificam (19,12-13.16).

A razão de escrever é que o tempo kairótico é próximo (1,3; 22,10) e o mal tem pouco tempo (12,12). Kairós é normalmente usado com sentido escatológico, indicando tempo de crise ou momento decisivo (11,18; At 1,7; 3,20; 1Ts 5,1) (THOMAS, 1992, p. 61). Como todas as bem-aventuranças, a frase reconhece um comportamento culturalmente valioso (MALINA; PILCH, 2000, p. 32). Nesse caso, leitor e ouvintes são elogiados.

4.2.2 Venho em breve!

> Ap 22,7: καὶ ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ. μακάριος ὁ τηρῶν τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου.
>
> *Ap 22,7: Ei! Venho rapidamente. Feliz o que guarda as palavras da profecia deste livro.*

A sexta bem-aventurança localiza-se no epílogo (22,6-21). Alguns entendem que o orador da primeira parte, "ei venho rapidamente", seja Cristo, ao passo que, a promessa propriamente dita, seria João que, agora pôde adicionar "as palavras da profecia deste livro" de 1,3, por escrever em obediência aos mandatos (1,11.19).

A ideia da iminência da vinda de Jesus ocorre várias vezes no Apocalipse (2,16; 3,11; 22,7.12.20). A promessa de sua chegada fazia parte da tradição cristã primitiva: Jesus reunirá os justos e punirá os ímpios (14,14-17; 19,11-21). Contudo, a ocasião da vinda não está clara nos primeiros textos cristãos. Alguns pensavam que seria numa geração (Mt 24,34; Mc 13,30), outros afirmam que só Deus sabe (Mt 24,36; Mc 13,32; At 1,7). Daí, decorre a necessidade da vigilância constante (Mt 24,46; 25,1-13; Mc 13,34-37; Lc 12,35-46; 21,34-36). Paulo imaginava viver para a segunda vinda de Cristo (1Ts 4,17). Os deuteropaulinos deixam o tempo aberto (1Tm 6,14-15; 2Tm 4,8; Tt 2.13). Uns afirmam a vinda iminente (Tg 5,7-9; Hb 9,28; 10,37), ao passo que Pedro argumenta que a vinda é atrasada para proporcionar conversão (2Pd 3,8-9).

Enquanto profecia, o Apocalipse trata de coisas relacionadas ao que virá, contudo, não de forma previsível. A profecia verdadeira é a que solicita a obediência divina enquanto a falsa induz à idolatria (Dt 13,1-3; Mt 5,15-20; 1Jo 4,1-3; 1Cor 12,1-3). Guardar a profecia é ser fiel a Deus, a Cristo e à comunidade cristã (Ap 1,3; 2,26; 3,3.8.10; 12,17;

[6] Ap 1,3.11.19; 2,1.8.12.17-18; 3,1.7.12.14; 5,1; 10,4; 13,8; 14,1.13; 17,5.8; 19,9.12.16; 20,12.15; 21,5.27; 22,18-19

14,12; 22,9). Observar a profecia escrita concederá honra (MALINA; PILCH, 2000, p. 257). O final de Apocalipse (22,6-8) relaciona-se diretamente com o início (1,1-3), encontrando-se referências ao livro como profecia, ao anjo, bem-aventurança e às coisas que devem acontecer em breve.

A cada Dia do Senhor, no banquete sacramental do Cordeiro, a comunidade eclesial escuta a Palavra de Deus. No Apocalipse é chamada de "palavra de profecia". Os profetas no AT anunciavam o projeto divino para o povo, denunciavam a infidelidade à Aliança e, quando sobrevinham as desgraças sobre a nação, devido à infidelidade, eles consolavam o povo com experiência de uma salvação em breve. Por vezes, anunciavam juízos divinos sobre os inimigos de Israel. De certa forma, a mesma dinâmica aparece em Apocalipse.

No contexto das cartas às igrejas (1–3), o Ressuscitado exorta as comunidades à conversão, a fim de que renovem a Aliança e sejam salvas. São prometidos, também, juízos sobre a nação ímpia, o império romano que está perseguindo a Igreja. Mas, sobretudo, promete-se a comunhão plena com Deus, onde não há mais sofrimento, apenas a Vida. As duas bem-aventuranças convidam cada fiel a deixar-se interpelar pela Palavra escutada na liturgia, guardando-a, praticando-a com fidelidade, pois, desta forma, viverá seu processo de conversão, preparando-se para comunhão plena e definitiva com Deus, na eternidade.

Assim, cada liturgia lhe será um momento kairótico, uma ocasião oportuna da graça de Deus. Além disso, será, também, momento de desejar a vinda salvadora de Cristo, que poderá ocorrer a qualquer momento. Desejar a iminência da parusia não é projetar medos e ameaças sobre o mundo, mas, é ansiar a que a salvação plena tão logo se manifeste, libertando a humanidade do que lhe assola.

Conforme dito, o verbo "guardar" ocorre também em 16,15, o que possibilita a dar mais um passo na análise retórica.

4.3 Guardar a profecia é guardar as vestes!

Ap 16,15: Ἰδοὺ ἔρχομαι ὡς κλέπτης. μακάριος ὁ γρηγορῶν καὶ τηρῶν τὰ ἱμάτια αὐτοῦ, ἵνα μὴ γυμνὸς περιπατῇ καὶ βλέπωσιν τὴν ἀσχημοσύνην αὐτοῦ.

Ap 16,15: Ei! Venho como um ladrão. Feliz o que fica atento e que guarda suas roupas, a fim de que não ande nu e vejam sua vergonha.

A terceira bem-aventurança localiza-se na segunda parte do livro (4,1–22,5), especificamente, na quarta seção (11,15–16,16), perícope do anúncio das sete pragas das sete taças (16,1-15).

A vinda do Senhor como "ladrão" e a locução verbal "ficar atento", aparece em 3,2-3, como encorajamento à igreja de Sardes. A ideia é recorrente no Novo Testamento (Mt 24,43-44; 25,13; Mc 13,33; Lc 12,39-40; 1Ts 5,2.4; 1 Pd 4,7; 2Pd 3,10).

O substantivo "roupas" ocorre em 4,4; 19,13 e 19,16, referindo às vestes brancas dos anciãos e à roupa manchada de sangue do cavaleiro montado no cavalo branco. Em 6,11 e 7,9.14, afirma-se que os salvos trajam vestes brancas, símbolo da vitória em Cristo. Em 19,8.14, afirma-se que o Cordeiro e seus seguidores trajavam linho finíssimo.

O verbo "andar" possui significado positivo em 3,4, em que, na igreja de Sardes, Cristo elogia os que não sujaram suas roupas, recebendo a promessa de caminharem com Ele em vestes brancas. Além disso, em 21,24, diz-se que as nações salvas caminharão sob a luz da Jerusalém celeste.

A exortação a terem roupas que protejam a nudez espiritual, aparece em 3,18, na carta à igreja de Laodiceia. O tema da nudez ocorre em 3,17 e 17,16. A vergonha de ter o

pecado exposto aos olhos de todos se inspira em Is 20,1-4; Ez 16,37; 23,24-29; Os 2,3.10. Trata-se de uma forma de falar da miséria espiritual. O substantivo "vergonha" é um eufemismo para "partes íntimas" como em Ex 20,26; Lv 18,6; Dt 23,14. Os cristãos são recomendados a estarem vigilantes ao grande acontecimento, para não serem surpreendidos como um soldado que, ao soar o alarme, foge nu (AUNE, 1998).

No contexto pós-moderno, onde prevalece o relativismo moral e religioso, guardar o compromisso cristão assumido no batismo, é um grande desafio. O materialismo visa preencher a sede de transcendência presente no coração humano, provocando o esquecimento de que, ao fim de nossa história, seja pessoal ou coletiva, acontecerá o encontro definitivo com o Absoluto. Tal momento é imprevisível, como o ladrão que chega sem avisar. Sob a metáfora do "guardar as vestes", significando a prática da Palavra, a comunidade cristã é interpelada, em cada Dia do Senhor, a manter a perseverança em seu compromisso, pois, inesperadamente, estaremos diante do Absoluto, prestando contas de nossa conduta. Essa bem-aventurança convida a não postergar para depois o compromisso de se viver a Palavra de Deus, pois, o hoje, pode ser o dia derradeiro.

O substantivo "roupas" pertence ao mesmo campo semântico de "túnica", possibilitando a análise de 22,24.

4.4 Acessará a Vida quem guarda a profecia-Palavra, lavando cotidianamente suas túnicas.

Ap 22,14: Μακάριοι οἱ πλύνοντες τὰς στολὰς αὐτῶν, ἵνα ἔσται ἡ ἐξουσία αὐτῶν ἐπὶ τὸ ξύλον τῆς ζωῆς καὶ τοῖς πυλῶσιν εἰσέλθωσιν εἰς τὴν πόλιν.

Ap 22,14: Felizes os lavam suas túnicas para que sua autoridade seja sobre a árvore da vida e que entrem pelos portais da cidade.

A sétima bem-aventurança encontra-se no epílogo do livro (22.6-21).

Jesus pronuncia a sétima benção, tal como em 16,15 e 22,6[7], prometendo o acesso à vida (22,2) e a entrada na Jerusalém celeste (21,15) para os que lavam as suas vestes. A multidão celeste de 7,14, os mártires que alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro, pelo martírio, são subentendidos. Cristo exorta a lavar-se o que está sujo pelo pecado, como em Sardes (3,4), simbolizando reforma moral e espiritual. Estar limpo significa praticar a justiça dos santos (19,8). Lavar as túnicas equivale a ser vencedor, pois o acesso à árvore da vida é prometido a ambos (2,7).

Lavar as túnicas pode ter vários significados: batismo ou, vida moralmente correta, ou, martírio (AUNE, 1998). No Antigo Testamento, o referido ato consistia num ritual de purificação (Lv 14,9, LXX). Além disso, Ex 19,10.14 afirma que o povo israelita deveria lavar suas roupas para se apresentar diante de Deus; os levitas deveriam fazer o mesmo como rito de purificação (Nm 8,7.21) e, os sacerdotes recebiam vestes novas (Lv 8,13). O ato de lavar o corpo de uma pessoa simboliza sua limpeza moral e espiritual em Tt 3,5 e Hb 10,22. As referências a lavagens de vestes e do corpo para alcançar a pureza ritual é abundante nos Manuscritos de Qunran. Ressalta-se que o verbo "lavar", encontra-se no

[7] João dá as bem-aventuranças 1,3 e 20,6. Uma voz celestial pronuncia a 14,13 e 19,9 é um dos anjos das sete taças (KOESTER, 2014, p. 507).

particípio presente ativo, indicando uma ação contínua do cristão em manter-se fiel ao batismo (DOGLIO, 2012, p. 201). Em 6,11; 7,9.13-14; 16,15; 22,14, vestes brancas simbolizam a vitória dos santos.

Cristo dá "autoridade" aos que lavam as vestes. O termo ocorre 22 vezes no Apocalipse[8]. Os santos terão autoridade sobre as nações (2,26); as duas testemunhas têm autoridade sobre os céus e sobre a água; Deus tem autoridade sobre as pragas (16,19). A autoridade à árvore da vida recorda Gn 3,22-24, porém, inversamente. Lá, Adão e Eva são expulsos porque querem comer do fruto e viver para sempre. Esta bem-aventurança indica que a proibição foi suspensa. 1 Enoque,25,24-25 alude, também, ao fato de os santos comerem da árvore da vida. No Targum Neofiti de Gn 3,22-24, comer da árvore da vida simboliza o acesso à vida eterna para os que cumprem os mandamentos (KOESTER, 2014, p. 842). No Testamento de Levi, o Messias abre as portas do paraíso para os justos entrarem (T. Levi 18,10.14) e no Apocalipse é o Cristo (7,14; 22,14).

Entrar pela porta era o único meio legítimo de entrar numa cidade (Jo 10,1). A frase é a antítese de 21,27, em que se afirma que os impuros não entrarão na Jerusalém Celeste. A entrada na Nova Jerusalém é metáfora para a salvação definitiva, equivalendo a entrar no Reino (Mt 5,20; 7,21; 18,3; 19,23-24; 23,13; Mc 9,47; Jo 3,5; At 14,22). No Antigo Testamento, os redimidos entram em Jerusalém (Is 62,10), bem como os justos (Is 26,2). O piedoso entra no Templo para adorar (Sl 118,19-20) e, no Apocalipse, a Jerusalém Celeste é o lugar da definitiva adoração (22,3.11). A última promessa contrapõe os que serão salvos e os que serão condenados (22,15). Em 21,25, diz-se que as portas desta cidade nunca se fecham, simbolizando a segurança de quem lá habita.

O último macarismo pode ser considerado uma síntese de todos os demais, resumindo as exigências deste livro para a Igreja (ARENS; MATEOS, 2019, p. 239). Ao final, o Ressuscitado adverte que há duas maneiras de viver a sua vinda: a dos crentes e a dos demais. Por isso, como todas as precedentes, ela convida a felicidade e a fidelidade.

A última promessa de felicidade alude ao início da vida cristã: o batismo. É tradição litúrgica que o batizando revista-se de veste branca, representando a sua vida adornada de Cristo. O desafio consiste em manter-se envolvido Dele. Por isso, a santidade, além de ser dom de Deus ofertado, é, também, esforço do cristão em manter-se firme na conduta cristã, praticando, constantemente, a Palavra de Deus. Santidade e conversão devem ser atitudes contínuas na vida do fiel. Atualmente, muitos querem uma salvação sem o esforço necessário para configurar-se à pessoa do Cristo. Contudo, o verbo "lavar", conjugado no presente, conscientiza acerca da perseverança diária em manter-se fiel às promessas batismais realizadas, renunciando ao pecado, ao mal presente na história e a tudo o que rompe a nossa fraternidade universal.

Na perspectiva retórica, acessar a árvore da vida coloca-se em paralelo sinonímico com "a segunda morte não ter autoridade" (20,6) que, por sua vez, vincula-se a "aqueles que morrem no Senhor" (14,13). As duas últimas bem-aventuranças, a serem analisadas, tratam da vocação martirial do cristão.

[8]A p 2,26; 6,8; 9,3.10.19; 11,6; 12,10; 13,2.4-5.7.12; 14,18; 16,9; 17,12-13; 18,1; 20,6; 22,14

4.5 Para acessar a Vida é necessário dar a vida

4.5.1 O acesso a Vida

Ap 14,13: Καὶ ἤκουσα φωνῆς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λεγούσης· γράψον· μακάριοι οἱ νεκροὶ οἱ ἐν κυρίῳ ἀποθνήσκοντες ἀπ᾽ ἄρτι. ναί, λέγει τὸ πνεῦμα, ἵνα ἀναπαήσονται ἐκ τῶν κόπων αὐτῶν, τὰ γὰρ ἔργα αὐτῶν ἀκολουθεῖ μετ᾽ αὐτῶν.

Ap 14,13: E ouvi uma voz do céu dizendo: escreva: felizes os mortos que morrem no Senhor agora. Sim, diz o Espírito, descansarão de seus trabalhos, pois suas obras os seguem.

A segunda bem-aventurança localiza-se na segunda parte do livro (4,1–22,5), especificamente na quarta seção (11,15–16,16), perícope do anúncio do juízo pelos três anjos (14,6-13). A segunda bem-aventurança situa o leitor-ouvinte no conflito com a besta que combate os santos (13,7).

É prometida felicidade aos mortos[9] no Senhor, por participarem da condição de Cristo morto e ressuscitado (1,5.18; 2,8). Eles se unirão aos que já repousam (6,11). É nítido o contraste entre o descanso dos fiéis e o castigo dos ímpios (14,10-11). A fidelidade a Cristo sob a tirania da besta causará a morte inevitável de muitos (13,15) (THOMAS, 1992, p. 214). Esse macarismo extrapola o pensamento paulino (1Cor 15,51-53; 1Ts 4,14-16), em que os mortos já são abençoados no momento da morte. As cenas de 14,1-5 e 15,1-4 relatam o resultado dessa benção. A promessa de felicidade consola os que enfrentam a perseguição. A bem-aventurança convida à valentia e à perseverança, porque a vida começou na ressurreição de Cristo, no qual o cristão é enxertado no batismo (Rm 6,5) (ARENS; MATEOS, 2019, p. 236).

Em seguida, tem-se a uma declaração direta do Espírito, afirmando que morrer no Senhor é descansar do próprio trabalho. O verbo "descansar", no futuro, denota que a felicidade está assegurada e alude ao descanso divino após os trabalhos na criação (Gn 2,2; Hb 4,4.9) (THOMAS, 1995, p. 216). Os santos, na morte, descansam de suas perseguições, mas, para os ímpios, seus problemas começam e não acabarão. Não se pode separar uma pessoa de suas obras, pois Deus se lembra delas e as recompensa (1Tm 5,24-25; Hb 6,10). A ideia da morte do justo enquanto descanso em Deus ocorre no Antigo Testamento (Is 57,2; Jó 3,17).

4.5.2 A primeira ressurreição

Ap 20,6 μακάριος καὶ ἅγιος ὁ ἔχων μέρος ἐν τῇ ἀναστάσει τῇ πρώτῃ· ἐπὶ τούτων ὁ δεύτερος θάνατος οὐκ ἔχει ἐξουσίαν, ἀλλ᾽ ἔσονται ἱερεῖς τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ Χριστοῦ καὶ βασιλεύσουσιν μετ᾽ αὐτοῦ [τὰ] χίλια ἔτη.

Ap 20,6: Feliz e santo o que tem parte na ressurreição primeira. Nestes a segunda morte não tem autoridade. Mas serão sacerdotes de Deus e do Cristo e reinarão com ele mil anos.

[9] Ap 1,5.17-18; 2,8; 3,1; 11,18; 14,13; 16,3; 20,5.12-13

A quinta bem-aventurança encontra-se na segunda parte do livro (4,1–22,5), especificamente na quinta seção (10,17–22,5), perícope do reino dos mil anos (20,1-6). É a única bem-aventurança que possui um segundo adjetivo: "santo".

O adjetivo "santo" ocorre 25 vezes no Apocalipse[10] e descreve Deus (4,8; 6,10) e Cristo (3,7). Os redimidos, separados para o serviço do Senhor, participam da santidade divina e resistem aos oponentes (5,8; 8,3.4; 11,18; 13,7.10; 14,12; 16,6; 17,6; 18,20.24; 19,8; 20,9; 22,1).

O substantivo "ressurreição" ocorre somente em 20,5, onde é dito que "primeira ressurreição" consiste na vida eterna na presença de Deus daqueles que foram martirizados[11] pela sua fé e que não praticaram a idolatria (20,4). A "segunda morte" é mencionada mais três vezes no Apocalipse (2,11; 20,14; 21,8). O conceito não ocorre no resto do NT e nem na literatura cristã do II século (AUNE, 1998). Dois possíveis significados para a expressão são: a. exclusão da ressurreição e b. condenação eterna. Para os ímpios, a morte física já consiste numa separação de Deus (20,5), tornada definitiva com sua morte eterna.

"Sacerdotes" ocorre também em 1,6 e 5,10, juntamente com o verbo "reinar". Os cristãos são chamados de sacerdotes, recordando a vocação sacerdotal do povo de Israel (Ex 19,6; Is 61,6). O sacerdócio do povo cristão é tema recorrente no NT (Rm 12,1; 1Pd 2,5.9). Chama a atenção o fato destes textos exortarem o cristão a se oferecer em sacrifício a Deus, como Cristo fez. No contexto do Apocalipse, a comunidade, pelo martírio, estava oferecendo sua vida a Deus, seguindo os passos do Cristo, o primeiro a se oferecer por todos. 2Tt 2,12 afirma que, se o cristão tiver a coragem de sofrer por Cristo, com Ele reinará, o que se vê relatado em Ap 20,4.

A expressão "mil anos" é uma designação simbólica do tempo presente inaugurado pela ressurreição de Cristo. As referências desta cifra simbólica estão em Ez 37–39 e Dn 7 e nas elucubrações judaicas sobre a configuração da história em sete dias, cada qual durando mil anos (2 Enoque 32; Sl 90,4). Era crença comum entre os judeus, que o tempo do paraíso duraria mil anos e o que messias o restauraria (ARENS; MATEOS, 2019, p. 202-203).

A Igreja, em todos os momentos de sua história, teve o testemunho eloquente dos mártires. Além daqueles que, derramaram seu sangue devido ao ódio a Cristo, o exemplo máximo de adesão ao Senhor, seguindo-o inclusive na entrega da vida, existem os que cotidianamente sofrem pela sua adesão a Cristo. Fato é que, por seu testemunho autenticamente cristão, o seguidor de Cristo se vê constantemente perseguido, ou fisicamente, ou ideologicamente pelo mundo. Diante de tamanha violência, o cristão se vê sem consolo nessa vida (Ecl 4,1-2) e, quando falece, sua morte assemelha-se a um descanso (Is 57,1-2). O cristão, vivo ou morto, pertence ao Senhor (Rm 14,8) e, em ambas as condições, é chamado a viver junto Dele (1Ts 5,10).

Estas duas bem-aventuranças prometem felicidade a quem tiver coragem de dar a vida pelo Senhor. Somente dá a vida, pontualmente, pelo martírio de sangue, quem vive a espiritualidade martirial cotidiana, padecendo as incompreensões de uma sociedade majoritariamente contrária aos valores do evangelho. Como não deve ser a existência de um cristão num país ditatorial ou de outra maioria religiosa que os persegue? Ser fiel a Jesus num ambiente assim certamente é fadigoso. Por isso, a morte lhes é descanso. Mas, além

[10] Ap 3,7; 4,8; 5,8; 6,10; 8,3-4; 11,2.18; 13,7.10; 14,10.12; 16,6; 17,6; 18,20.24; 19,8; 20,6.9; 21,2.10; 22,11.19

[11] O verbo que ocorre no versículo significa "decapitado", "degolado".

disso, é ressurreição. Quem morre por Cristo, com Cristo já vive na eternidade. Essas promessas de felicidade recordam à comunidade eclesial, sua vocação a dar testemunho de Jesus, inclusive na entrega da própria vida, crendo que isso lhe será entrada na eternidade. Além disso, recordam, também, os mártires de ontem e de hoje, que, nutrindo suas forças no banquete sacramental do Cordeiro – eucaristia, tiveram e têm a coragem de padecer pelo bem, verdade e justiça, por amor a Cristo.

5 Considerações finais

Numa perspectiva popular, o termo "apocalipse" denota algo pavoroso, cataclísmico, amedrontador. Este artigo demonstrou, a partir da análise retórica das bem-aventuranças ocorrentes no livro, a intenção de consolar, esperançar e animar as comunidades cristãs, perseguidas pelo império romano, no séc. I.

O Apocalipse foi escrito para um ambiente litúrgico, no qual a comunidade cristã escutava a Palavra de Deus, comprometendo-se em praticá-la. Ao colocar-se diante de Cristo, percebia-se a necessidade de conversão, concomitante ao estímulo dado por aqueles martirizados pela sua fidelidade a Deus. As bem-aventuranças apresentam uma forma de ler o livro do Apocalipse: como uma boa notícia e interpelação ao presente (ARENS; MATEOS, 2019, p. 240). A promessa central é o convite ao banquete nupcial do Cordeiro. O casamento, no Antigo Testamento, simbolizava a Aliança de Deus com Israel; no Novo Testamento, a Aliança da Igreja com Cristo-Cordeiro. A comunhão definitiva será na eternidade. Contudo, ela é sacramentalmente antecipada nas eucaristias celebradas a cada Dia do Senhor.

Nelas se escutava a Palavra de Deus, profecia, palavra reveladora (apocalíptica) de Jesus Cristo, que tem a história em suas mãos. Por isso, é feliz quem pratica esta Palavra cotidianamente escutada, pois se deixa orientar por Aquele que conduz a história à salvação. A prática Palavra é simbolizada pela "veste" a ser guardada, que pode ser roubada de surpresa. Assim, a comunidade era chamada à constante vigilância, pois, a qualquer momento, pode-se dar o encontro definitivo com Cristo. À Igreja que mantém a sua fidelidade batismal é prometido o acesso à Vida, simbolizado pela entrada na Jerusalém Celeste e comer da árvore da vida. Além de cautela, é necessário perseverança no compromisso assumido, no batismo, com Cristo. Por fim, a comunidade refletia sobre o exemplo concreto de quem guardou a Palavra, adentrando na Vida: os mártires, que alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro, morrendo no Senhor.

Desta forma, o Apocalipse emoldurado e permeado pelas bem-aventuranças, tem como chave de leitura não o pavor e medo, mas o consolo e a felicidade, mesmo que à custa do derramamento de sangue por fidelidade a Cristo. O Apocalipse não nega que o cristão deverá enfrentar o mal encarnado nos poderes históricos que lhe são adversos, porém, estimula-o a afrontá-los com coragem e ousadia, pois já se sabe vencedor em Cristo, se lhe for fiel mesmo na dor. Isso lhe será felicidade plena em Deus.

Referências

ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *Apocalipsis, la fuerza de la esperanza.* Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 2019.

AUNE, David E. Apocaliptismo. *In:* REID, Daniel G. (org.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 101-114.

AUNE, David. E. *Revelation 17–22.* Dallas: Word Books Publisher, 1998. *E-book.*

BEASLEY-MURRAY, George R. Livro de Apocalipse. *In:* REID, Daniel G. (org.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 88-101.

BIGUZZI, Giancarlo. *Apocalisse.* Nueva versione, introduzione e commento. Milano: Paoline Editoriale, 2005.

DOGLIO, Claudio. *Apocalisse. Introduzione, traduzione e commento.* Milano: Edizioni San Paolo, 2012.

KOESTER. Craig. R. *Revelation.* A new translation with introduction and Commentary. Yale: Yale University Press, 2014.

MALINA, Bruce J.; PILCH, John J. *Social-Science Commentary on the Book of Revelation.* Minneapolis: Fortress Press, 2000.

MEYNET, Roland. *A análise retórica.* Um novo método para compreender a Bíblia. *Brotéria,* Lisboa, v. 137, p. 391-408, 1993. Disponível em: https://www.retoricabiblicaesemitica.org/wp-content/uploads/2018/11/portoghese.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NOGUEZ, Armando. *Apocalipses.* Relato, historia y mensaje de resistencia. Estella: Verbo Divino, 2019.

SOARES, Hariadne da Penha. O Cristianismo e o culto imperial. *In:* CHEVITARESE, André Leonardo; SILVA, Gilvan Ventura (org.). *Cristianismos no Império Romano.* Rio de Janeiro: Menocchio, 2023. p. 115-136.

THOMAS, Robert L. *Revelation 1–7.* Chicago: Moody Press, 1992.

THOMAS, Robert L. *Revelation 8--22.* Chicago: Moody Press, 1995.

VANNI, Ugo. *Apocalipsis.* Una asamblea litúrgica interpreta la historia. Estella: Verbo Divino, 1998.